



Arte, Literatura e Saúde: O Bate-Papo Literário como espaço de cuidados *online* em tempos de isolamento social decorrente da Covid-19

Flávia Mazitelli de Oliveira¹, Daniela da Silva Rodrigues², Patrícia de Souza Rezende³, Renato Cabral Rezende⁴, Josenaide Engracia dos Santos⁵

Resumo: O Bate-papo literário *on-line* (BPL) foi uma proposta de construção de espaços virtuais de cuidado e de atenção à saúde da comunidade acadêmica, durante o período de isolamento social imposto pela Covid-19. As medidas de contenção como quarentena e distanciamento social podem gerar um impacto negativo na saúde mental das pessoas. O objetivo foi refletir sobre a iniciativa do BPL e sobre as potencialidades da arte literária como recurso de promoção de saúde e cuidado em espaços virtuais em tempos de Covid-19. A proposta foi construída por uma equipe interdisciplinar do Grupo de Trabalho em Prevenção e Promoção da Saúde. O BPL ocorria semanalmente por meio do aplicativo *WhatsApp*. As obras selecionadas para os debates foram: *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*; *Sejamos Todas Feministas*; *O Velho e o Mar*; e *O Sol na Cabeça*. Para a análise dos textos gerados pelos debates foi utilizado o *Software Iramuteq*, que os apresentou de forma gráfica, em formato de nuvens de palavras. Os resultados transitaram pelo questionamento da noção de humanidade universal; do meio ambiente como um dos elementos centrais na vida; da igualdade e justiça de gênero; da violência urbana e invisibilidade social. Concluiu-se que a literatura tem o papel de atuar na emancipação das pessoas, auxiliando em questões sociais e no despertar da consciência crítica dos participantes. O BPL revelou-se um espaço de transformação e empoderamento, sobretudo de autocuidado e promoção de saúde da comunidade acadêmica.

Palavras-chave: Promoção de saúde; Saúde mental; Extensão universitária

Art, Literature, and Health: Literary Chat as a space for online care in times of social isolation due to Covid-19

Abstract: Online literature chatting (BPL acronym in Portuguese) is a proposal for constructing virtual healthcare spaces and health attention to the university community during the social isolation period imposed by Covid-19. Restraining measures such as quarantine and social distancing may have a negative impact on individuals' mental health. This article aims to reflect on the creation of Online literature chatting and on the potential of literature as a source of health promotion and care in virtual spaces during pandemic times. The proposal was built by the Prevention and Health Promotion Working Group interdisciplinary team. BPL occurred each week on the *WhatsApp* platform. Selected literary works to be debated were: 1) *Ideas to Postpone the End of the World*; 2) *Dear Ijeawe, or A Feminist Manifesto in Fifteen Suggestions*; 3) *The Old Man and the Sea*; 4) *The Sun on my Head*. For the analysis of the texts on which the debates were based, *Iramuteq* software was used so that the debates are presented as word cloud graphics. The results cover a wide range of topics, from questioning humanity as universal; the environment as one of the central aspects of life; gender equality and justice; urban violence to social invisibility. One concludes that literature plays an essential role in individuals' emancipation, helping participants with social issues and their critical awakening. BPL unveiled itself as a space of self-transformation and empowerment, particularly a space of self-care and health promotion of the university community.

Keywords: Health promotion; Mental health; Extension program

DOI: <https://doi.org/10.29327/2303474.14.2-5>

Originais recebidos em
11 de fevereiro de 2023

Aceito para publicação em
20 de julho de 2023

1
Curso de Terapia Ocupacional,
Universidade de Brasília (UnB), Distrito
Federal, DF, Brasil.

flaviamazitelli@gmail.com

2
Curso de Terapia Ocupacional,
Universidade de Brasília (UnB), Distrito
Federal, DF, Brasil.

(autora para correspondência)

danirodrigues.to@gmail.com

3
Curso de Saúde Coletiva, Universidade
de Brasília (UnB), Distrito Federal, DF,
Brasil.

psrezende@gmail.com

4
Departamento de Linguística,
Português e Línguas Clássicas,
Universidade de Brasília (UnB), Brasília,
DF, Brasil.

renato.rcr@gmail.com

5
Curso de Terapia Ocupacional,
Universidade de Brasília (UnB), Distrito
Federal, DF, Brasil.

josenaidepsi@gmail.com

Introdução

No final do ano de 2019, o mundo foi surpreendido por uma pandemia, devido ao surto da doença causada pelo novo coronavírus Sars-CoV-2. Desde a sua identificação na cidade de Wuhan, na República Popular da China, o novo coronavírus foi alvo de preocupações pela rapidez do contágio e pelo poder de causar graves infecções respiratórias em seres humanos (Zhang, 2020).

Apesar dos enormes esforços globais para conter a Covid-19, a propagação do vírus atingiu o nível de pandemia. A despeito do desenvolvimento de terapêuticas e vacinas para o tratamento da doença, sabe-se que o isolamento social ainda é a melhor estratégia de evitar a contaminação (Aquino et al., 2020). De acordo com Wang et al. (2020), a intervenção indicada para contenção do vírus em ambiente comunitário é isolar as pessoas infectadas para interromper a transmissão. Esta medida pode ser aplicada com a interdição de reuniões sociais, fechamento temporário de escolas, isolamento doméstico, além do incentivo à higiene pessoal das mãos e ao uso de equipamentos de proteção individual, como máscaras faciais (Heymann & Shindo, 2020).

No Brasil, diante da evidência da pandemia, o Ministério da Saúde (MS) instituiu, em janeiro de 2020, o Centro de Operações de Emergência em Saúde Pública (COE-Covid-19), com o intuito de monitorar a entrada de possíveis casos de Covid-19 no país (Crispim et al., 2019). Os esforços para a contenção da Covid-19 no território brasileiro não impediram a propagação do vírus que, somada aos decorrentes óbitos, motivaram o governo a decretar o isolamento social.

A pandemia e as medidas de contenção, como quarentena e distanciamento social, têm um impacto negativo na saúde mental. Em particular, a redução das interações sociais é um fator de risco para transtornos mentais, incluindo depressão. Segundo Fiorillo & Gorwood (2020), a Covid-19 produz incerteza sobre o futuro, medo, depressão e ansiedade, em particular condições de saúde mental incapacitantes entre homens e mulheres adultos, incluindo distúrbios, transtornos relacionados ao pânico, transtorno obsessivo-compulsivo, estresse e trauma. Preocupada com a magnitude dos possíveis efeitos de ordem psicossocial, a Universidade de Brasília (UnB) mobilizou-se para criar estratégias de enfrentamento da situação, para o alcance, em um primeiro momento, dos estudantes universitários.

Nesse sentido, o Grupo de Trabalho em Prevenção e Promoção da Saúde, componente do Subcomitê de Saúde Mental e Apoio Psicossocial, vinculado à Diretoria de Atenção à Saúde Comunitária Universitária (Dasu) da UnB e ao Comitê Gestor do Plano de Contingência em Saúde do Covid-19 (COES), passou a elaborar atividades *online*, identificando, como necessária, a construção de espaços virtuais de cuidado e de atenção à saúde da comunidade. Dentre as ações propostas, algumas lançam mão da arte e da literatura como recurso facilitador.

No ambiente acadêmico, o ensino-aprendizagem sobre a inclusão de práticas promotoras de saúde torna-se um aspecto importante do processo formativo do estudante. A formação de profissionais é um projeto educativo que extrapola o domínio técnico-científico de uma dada profissão e estende-se para outras esferas de ação com profundo impacto social (Ceccim & Feuerwerker, 2004). Essa perspectiva pode ser evidenciada nas extensões universitárias, as quais favorecem espaços para além da sala de aula, que não se restringem aos aspectos técnicos e promovem a conscientização crítica dos estudantes (Guimarães et al., 2008), possibilitando espaços de convivência saudáveis e promotores de saúde.

Considerando a complexidade de promover intervenções para a promoção de saúde, no enfrentamento do período de isolamento social imposto pela Covid-19, pensar em alternativas de ações, por meio do formato virtual, tornou-se um desafio. Nesta modalidade, possibilitar-se-ia o compartilhamento de vivências, a criação de redes de apoio e suporte, o fortalecimento de laços afetivos e os aspectos necessárias para o momento.

As relações sociais são determinantes de saúde, pois melhoram os laços comunitários e oferecem oportunidades de integração social (Wald, 2015). Para Campos (2007), o suporte social advém das relações que se mantêm com o outro, com um grupo ou uma comunidade, demandando padrões de vínculos perenes que colaboram para a saúde física e mental.

As redes sociais são iniciadas pela percepção de uma comunidade de interesses e/ou valores em comum. São dinâmicas e em permanente construção. Promovem bem-estar, suporte para o enfrentamento de crises pessoais e favorecem a execução de atividades de promoção à saúde, operando como fator de proteção (Pinheiro & Guanaes, 2011).

Isto posto, explorou-se a confluência de interesses de alguns participantes do Grupo de Trabalho em Prevenção e Promoção da Saúde e optou-se pela construção de um espaço de discussão e troca sobre a arte da literatura. Trata-se do Bate-Papo Literário (BPL) *On-line*, uma proposta interdisciplinar de promoção da saúde que é ofertada pela UnB no âmbito da extensão universitária. Neste artigo, busca-se refletir sobre esta iniciativa e sobre as potencialidades da arte literária como recurso de promoção de saúde e cuidado em espaços virtuais, em tempos de isolamento social no contexto da Covid-19.

O Bate-Papo Literário On-Line na Reinvenção de Espaços Promotores de Saúde em Ambiente Virtual

A literatura vem demonstrando, de maneira inequívoca, a importância de ações de prevenção e promoção à saúde em tempos da Covid-19, para melhorar o bem-estar, o fortalecimento de vínculos e coletividades. Sobretudo a arte e a literatura potencializam a dimensão estética e humanizadora, com base em modos de fazer e se expressar no mundo e de possibilitar que o leitor se insira na realidade do outro. Evidências científicas apontam as artes, como vetores na melhoria da saúde e no bem-estar, ao atuarem positivamente na promoção da saúde, na prevenção de agravos e no tratamento de doenças. Benefícios são notados nas esferas: psicológica, como *coping* e regulação emocional; fisiológica, como menor resposta do hormônio do estresse e melhora da função imune; social, como diminuição da solidão e do isolamento, e suporte social aprimorado; e comportamental, como adoção de comportamentos saudáveis (Fancourt & Finn, 2019).

Cabe ressaltar que nem toda rede social ou ferramenta *online* constitui-se como suporte social capaz de proporcionar aproximação, escuta, bem-estar, autocuidado, interação, acolhimento, socialização. Campos (2007) configura como suporte a rede que gera sentimentos de proteção e apoio, que emerge apenas de relacionamentos acolhedores e próximos. Para tanto, essa rede grupal deve ser solidária, empática, ter papéis definidos e ser contínua. Partilha de informações, de sentimentos e de cuidado oferece recursos para o enfrentamento da realidade, reduzindo o estresse, aumentando a autoestima e o bem-estar emocional.

A busca por alternativas de novas formas de espaços de cuidado e apoio psicossocial aos estudantes universitários foi embasada nos princípios e pressupostos da Universidade Promotora de Saúde (UPS). Doori (2001) e Oliveira (2017) apontam que as UPS têm como objetivo o desenvolvimento de uma formação inovadora e criativa e, por esta razão, consideram-nas responsáveis pela criação de ambientes que promovam qualidade de vida, bem-estar, saúde e prevenção de riscos de maneira integrada. Desse modo, os espaços criados pelo Grupo de Trabalho em Prevenção e Promoção da Saúde da UnB buscam, além do cuidado e apoio, a convivência saudável e a construção de vínculos.

O BPL configura-se como um desses espaços virtuais. Está ancorado na proposta da literatura e da leitura como promotoras de saúde, visando estimular o hábito de ler, além da aproximação e conexão em tempos de distanciamento social. Este espaço ajudou a construir vínculos e reflexões críticas sobre autoconhecimento, autocuidado, problemas sociais e sanitários entre participantes da comunidade acadêmica, num momento em

que não se imaginava ser possível em decorrência das limitações impostas pela pandemia. Além disso, o BPL colaborou na construção de confiança, sentidos, significados e resiliência entre as pessoas, apesar das adversidades durante esse período.

A equipe do BPL é interdisciplinar, composta por professores dos diversos *campi* da UnB, dos cursos de Letras, Psicologia, Saúde Coletiva e Terapia Ocupacional. Essa diversidade mostrou-se profícua, tanto na seleção das obras literárias quanto na condução das discussões, tornando-se capazes de abarcar desde os aspectos literários específicos de cada texto até as questões emocionais, relacionais, sociais e de políticas públicas.

A interação ocorria por meio do aplicativo *WhatsApp*, o que possibilitou o contato rápido e variado, tanto por mensagens de texto quanto de voz. A escolha por esta via de discussão decorreu da ampla difusão do aplicativo entre os alunos, além da facilidade de conexão, uma vez que não requer uso de dados de *internet* móvel, permitindo o acesso a um número maior de participantes. O grupo criado para o BPL foi aberto e conta, em média, com 150 integrantes, entre equipe (oito professores e um estudante bolsista) e participantes (estudantes, professores e servidores técnicos administrativos). As trocas nesse espaço virtual ocorreram tendo como ponto de partida a leitura de poemas, livros, poesias, crônicas e letras de música. Em um primeiro momento, as leituras eram propostas pela equipe do projeto, entretanto os participantes também tinham a liberdade de sugerir leituras para serem discutidas nos encontros subsequentes do BPL.

Para a discussão neste manuscrito, apresenta-se algumas percepções dos participantes sobre quatro das obras selecionadas no BPL: *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, de Ailton Krenak; *Sejamos Todos Feministas*, de Chimamanda Ngozi Adichie; *O Velho e o Mar*, de Ernest Hemingway; e *O Sol na Cabeça*, de Giovanni Martins. Explorou-se os textos gerados dos debates das obras, usando uma ferramenta de processamento de dados qualitativos, o *Software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (Iramuteq)* (Versão 0,7 *alpha 2*), criado por Pierre Ratinaud, que permite análises estatísticas de textos, codifica, organiza e separa as informações segundo sua frequência (Camargo & Justo, 2013; Souza et al., 2018). O Iramuteq oferece a possibilidade de diferentes formas de análise de dados textuais, desde aquelas bem simples, como a lexicografia básica, texto, segmento de texto, até análises multivariadas. Com a ferramenta, são produzidas nuvens de palavras, na configuração de formas gráficas para a visualização rápida das palavras-chave dos textos (Camargo & Justo, 2013). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/UnB), sob Parecer nº 4.063.178 e Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 31567220.5.1001.5526.

Sobre as Experiências Vivenciadas nos encontros do Bate-papo Literário

A análise das palavras mais usadas na discussão do livro *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, possibilitou perceber-se que o diálogo se aproximou da perspectiva do autor, que tece uma reflexão profunda sobre os desdobramentos dos modelos de desenvolvimento que se experimenta desde o período colonial, para a natureza, para os povos originários e para a produção de saberes. Palavras, como "gente", "mundo", "saber", "povo", "sentir", "viver", "mudança", "conexão" e, claro, "indígena", demonstraram que os participantes transitaram pelo questionamento da noção de humanidade universal, eurocentrada e destrutiva, imposta e assimilada acriticamente ao longo dos anos, e foram ao encontro da celebração de uma nova sociedade: aquela que valoriza o saber oriundo de povos até então entendidos como primitivos e obsoletos, que renega a exploração irrefreável do meio ambiente em nome de um desenvolvimento econômico destinado a poucos, que aniquila a natureza e intensifica as desigualdades e injustiças sociais (Figura 1).

A leitura de *O Sol na cabeça* despertou sentimentos de tristeza, solidão, indignação e medo. Sob o foco do narrador-personagem, o conto é narrativa de um garoto de uma comunidade da Zona Sul do Rio de Janeiro (“o abismo que marca a fronteira entre o morro e o asfalto na Zona Sul é muito mais profundo”, afirma ele) que, após uma experiência de preconceito social de que é vítima (quando uma “velha” demonstra não gostar de dividir com ele o mesmo ponto de ônibus), desenvolve uma obsessão: perseguir, na rua, pessoas de condição social superior à sua (“homens, mulheres, adolescentes e idosos”; “são pessoas que vivem num mundo que não conheço”) de modo a exercitar a “perseguição”, conforme ele próprio afirma, como “estudo sobre relações humanas”, até ater-se exclusivamente em um único indivíduo, Mario, que nota sua existência apenas após três meses de perseguição. É a crueza do real como insólito. O conto acaba com o narrador-personagem tendo uma arma apontada (por sua vítima) contra si.

O compartilhamento, entre os indivíduos presentes nesse bate-papo, de tristeza, solidão, indignação e medo deu-se, sobretudo, em razão da discussão do tema da violência urbana – violência física e simbólica, que sequer permite a aproximação entre sujeitos de classes sociais diferentes – e da invisibilização social de sujeitos periféricos que permeiam o conto.

A desigualdade social no Brasil, é um processo histórico e estrutural, que tem como característica a diferença das condições de vida da população de um mesmo lugar. Essa desigualdade pode manifestar-se de muitas formas, a exemplo da diferença de acesso a direitos básicos, como saúde, moradia, educação, cultura, trabalho, distribuição de renda, entre outros (Ribeiro & Santos, 2022). Os espaços ocupados por uma parte da população são os periféricos, na grande maioria retratados de forma preconceituosa, vítima de intolerância de todos os tipos, passando pela inoperância proposital ou por incompetência por parte do estado, que escancara as vulnerabilidades dos moradores submetidos a todos os tipos de violências, como descrito no livro *O Sol na Cabeça*.

Os participantes salientaram, em particular, a existência de uma contraviolência procedente do Estado sobre os referidos sujeitos, que os estigmatiza e cria um estranhamento desse sujeito consigo mesmo e com relação ao outro, desenvolvendo uma espiral de violências (donde o nome do conto). Nesta edição do bate-papo, o grupo mostrou-se, a exemplo do que ocorreu nas discussões anteriores, como rede de reflexão sobre a profunda desigualdade social brasileira e como rede de subjetividade, agora rechaçando os modos de viver de que o conto trata (Figura 4).

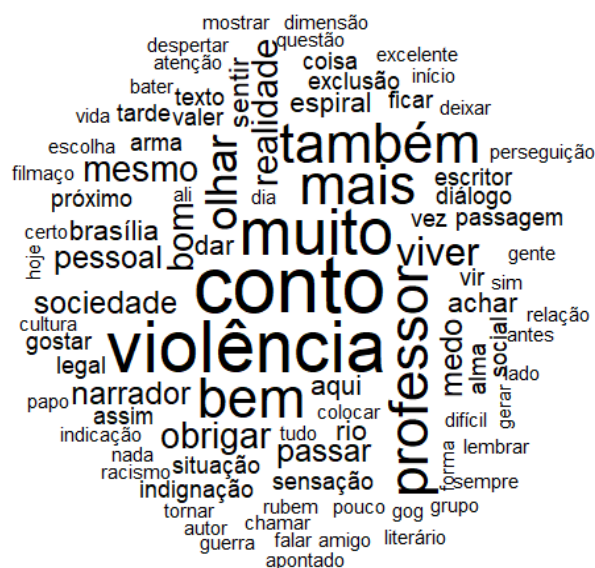


Figura 4. Nuvem de palavras da discussão do livro *O Sol na Cabeça*. Fonte: Autores.

Destaca-se ainda a frequência da palavra “também” em todos os debates, demonstrando as relações de identificação e o fortalecimento dos vínculos no grupo, que foram sendo construídos ao longo das sessões. Afinal, o item lexical também funciona como mecanismo de articulação textual, que soma argumentos e/ou esclarecimentos em favor de determinada informação que lhe antecede, promovendo encadeamento por conexão entre as contribuições de participantes (Koch 1989, 2004). Além disso, vale mencionar que diversas colocações de cada sessão de BPL repercutiam nos debates subsequentes, confirmando o poder dos diálogos e das reflexões compartilhados continuamente.

Assim, a experiência do BPL, como uma iniciativa proposta para promoção da saúde, atesta-nos que a participação em atividades artísticas pode melhorar a comunicação e as relações comunitárias, além de aumentar a sensação de bem-estar e autoestima. Percebemos que a ação alcançou este objetivo, para além das discussões intelectuais.

A arte tem o papel de atuar na emancipação das pessoas, auxiliando em questões sociais, relacionais e criativas. Nossos resultados confirmam outras experiências com o uso da arte, poesia, literatura que se mostraram sensíveis na construção de um diálogo afetivo com estudantes universitários, possibilitando a criação de um espaço de promoção e produção de saúde, de valorização dos saberes dos participantes e potencializando o despertar crítico e criativo nas experiências vivenciadas nesse espaço (Francelino & Bregalda, 2020; Inforsato et al., 2017).

Também se observou diversos impactos pessoais e coletivos (dentro do grupo e com a sociedade), tal como apontado por Wald (2015), ao analisar a relação entre arte e cultura. Em relação aos aspectos pessoais, foram constantemente percebidas manifestações de prazer, bem-estar e redução do estresse pelo fato de participar do grupo, assim como percepções de pertencimento (em relação ao grupo e à própria UnB), e o desenvolvimento de habilidades de resolução de problemas relacionados ao manejo de dificuldades ocasionadas pela ruptura brusca do cotidiano. Quanto aos impactos coletivos sugeridos por Wald (2015), observou-se o surgimento de laços de amizade, de sociabilidade e de relações de confiança, manifestados na troca de mensagens de afeto, de cuidado, de empatia, bem como na exposição de problemas e dificuldades pessoais. Houve também a construção de imagem positiva de grupos marginalizados, facilitada, especialmente, pela discussão sobre negritude, racismo, feminismo e desigualdade social.

O espaço do BPL permitiu um momento de fala, partilha, ventilação de emoções, interação social e compartilhamento de reflexões, diminuindo desconfortos e sofrimento durante o período pandêmico, com o desenvolvimento de ações criativas e significativas para a comunidade acadêmica em uma nova linguagem, por meio do uso da arte e da literatura como um potencializador de saúde de competência e cuidado coletivo.

Considerações Finais

Os espaços *online* de cuidado foram utilizados como meio de aproximação e criação de novas redes de suporte com os estudantes universitários. Diante do cenário de pandemia, as pessoas precisaram sentir-se valorizados, cuidados, amparados, informados e compreendidos. O uso das tecnologias virtuais mostrou-se uma estratégia essencial para aproximar, conectar e trocar.

As discussões não se esgotaram em cada encontro, pois despertaram uma consciência crítica nos participantes em relação às temáticas, como humanidade, meio ambiente, diversidade, feminismo, desigualdade de gênero, racismo, antirracismo, solidão, persistência, compaixão, velhice, exclusão, violência, discriminação, sociedade e questões socioeconômicas.

Desse modo, o BPL revelou-se um espaço de transformação e empoderamento, sobretudo de autocuidado e promoção de saúde da comunidade acadêmica. Ademais, tem se consolidado enquanto espaço potente de

formação cidadã tanto pelo conteúdo das conversas como pela própria postura dos participantes de máximo respeito e consideração à opinião dos demais.

Contribuição de cada autor

F.M.O., D.S.R., P.A.R., R.C.R., J.E.S., participaram com contribuições intelectuais substanciais na concepção e planejamento do projeto, na execução do projeto, redação e revisão intelectual crítica do artigo e são responsáveis pela aprovação final para publicação.

Referências

- Aquino, E. M., Silveira, I. H., Pescarini, J. M., Aquino, R., & Souza-Filho, J. A. D. (2007). Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(suppl 1), 2423-2446.
- Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2013). Iramuteq: Um *software* gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, 21(2), 513-518.
- Campos, E. P. (2007). Suporte social e família. In J. Melo Filho, & M. Burd (orgs.). *Doença e família*. 2. ed. (pp. 141-161). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ceccim, R. B., & Feuerwerker, L. C. M. (2004). Mudanças na graduação das profissões de saúde sob o eixo da integralidade. *Cadernos de Saúde Pública*, 20(5), 1400-1410.
- Crispim, D., Silva, M. J. P., Cedotti, W., Câmara, M., & Gomes, S. A. (2019). *Comunicação Difícil e Covid-19: Recomendações práticas para comunicação e acolhimento em diferentes cenários da pandemia*. Recuperado de <https://ammg.org.br/wp-content/uploads/comunica%C3%A7%C3%A3o-COVID-19.pdf.pdf>
- Doori, M. (2001). The "health promoting university": A critical exploration of theory and practice. *Health Education*, 101(2), 51-60.
- Fiorillo A., & Gorwood, P. (2020). The consequences of the COVID-19 pandemic on mental health and implications for clinical practice. *European Psychiatry*, 63(1), e32.
- Francelino, V. C. S., & Bregalda, M. M. (2020). Poesia, arte e sensibilidade: Contribuições de um projeto de extensão para a formação de estudantes de terapia ocupacional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(1), 50-73.
- Guimarães, R. G., Ferreira, M. C., & Villaça, F. M. (2008). O debate necessário: A importância da extensão universitária para a formação médica. *Cadernos ABEM*, 4, 69-78.
- Heymann, D. L., & Shindo, N. (2020). Covid-19: What is next for public health? *The Lancet*, 395(10224), 542-545.
- Inforsato, E. A., Castro, E. D., Buelau, R. M., Valent, I. U., Silva, C. M., & Lima, E. M. F. de A. (2017). Arte, corpo, saúde e cultura num território de fazer junto. *Fractal, Revista de Psicologia*, 29(2), 110-117.
- Koch, I. G. V. (1989). *A coesão textual*. São Paulo: Contexto.
- Koch, I. G. V. (2004). *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lima, E. A., Castro, E. D. de, Buelau, R. M., Valent, I. U., & Inforsato, E. A. (2015). Interface arte, saúde e cultura: Um campo transversal de saberes e práticas. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 19(55), 1019-1022.
- Oliveira, C. S. A. (2017). *Universidade Promotora de Saúde: Uma revisão de literatura* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/23569>
- Fancourt, D., & Finn, S. (2019). *Health evidence network synthesis report 67*. What is the evidence on the role of the arts in improving health and well-being? A scoping review. Copenhagen: WHO. Recuperado de <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/329834/9789289054553-eng.pdf>
- Pinheiro, R. L., & Guanaes, C. (2011). O conceito de rede social em saúde: Pensando possibilidades para a prática na estratégia saúde da família. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 20(40), 9-25.

Ribeiro, H. S., & Santos, V. A. (2022). Impactos da pandemia Covid-19 e o escancaramento das desigualdades sociais no Brasil. *Revista Panorâmica Online*, 35, 90-103.

Souza, M. A. R., Wall, M. L., Thuler, A. C. M. C., Lowen, I. M. V., & Peres, A. M. (2018). O uso do software Iramuteq na análise de dados em pesquisas qualitativas. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 52, e03353.

Wald, G. (2015). Arte y Salud: Algunas reflexiones para profundizar las potencialidades de análisis del campo. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 19(55), 1051-1062.

Wang, C., Horby, P. W., Hayden, F. G., & Gao, G. F. (2020). A novel coronavirus outbreak of global health concern. *The Lancet*, 395(10223), 467-536.

Zhang, W. (2020). *Manual de Prevenção e Controle da Covid-19 segundo o Doutor Wenhong Zhang*. São Paulo: Editora PoloBooks.

Como citar este artigo:

Oliveira, F. M., Rodrigues, D. S., Rezende, P. S., Rezende, R. C., & Santos, J. E. (2023). Arte Literatura e Saúde: O Bate-Papo Literário como espaço de cuidados *online* em tempos de isolamento social decorrente da Covid-19. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, 14(2), 179-188.
